

# A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

Redactor principal—CARLOS JOSÉ DE SOUSA

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho

Editor—Carlos Maria Coelho



PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

Aderente à Associação Internacional dos Trabalhadores

ANO VI—Número 1.721

Sábado, 5 de Julho de 1924

PREÇO — 30 CENTAVOS

Redacção, Administração e Tipografia  
Calçada de Combro, 38-A, 2.º Lisboa—PORTUGAL

TELEFONE—5339-G

Officinas de Impressão—Rua da Atalaia, 114 e 115

A U. S. O. do Porto lembra aos seus aderentes a prática do nobre gesto de solidariedade:—O auxílio às vítimas das recentes atrocidades

## A DECADENCIA DO FASCISMO ITALIANO

### Mussolini, o político do assassinato, vítima da sua obra

O ditador italiano está assistindo à “debacle” do seu regime de crime e de ódio — Ou abaterá as feras que acarinhou e incitou, ou será abatido por elas. Os punhais fascistas voltar-se hão contra o peito do seu chefe

O desmantelamento do fascismo é uma tremenda lição para os reaccionários portugueses e um aviso ao povo, que contra os seus pronunciamentos em Portugal deve insurgir-se

Que o fascismo entrou na agonia é uma afirmação banal, tal o número de vezes, que ela, nos últimos tempos tem sido pisada e repisada. Nasceram do crime, chegando ao poder, navegando num mar de sangue, e ainda um crime que lhe prepara a morte — será ainda outra onda de sangue quem, em definitivo, o afogará. A morte de Matteotti que aparece como o sinal mais visível a marcar a agonia fascista, é apenas um pretexto o eterno motivo que aparentemente sobressai em todas as grandes mutações políticas e sociais. Pois tantos e inenarráveis crimes, tantos e tão odiosos assassinatos o fascismo praticou, que mais um crime, só mais um crime, tem força para o derrubar e matar? Evidentemente que não. E, que o fascismo nunca passou, mesmo para os mais reaccionários italianos, para os mais ferozes capitalistas italianos, dum instrumento que se aproveita em último recurso, mas que se abandona, com horror e asco, logo que a dura necessidade, o momento extremo, passaram. O próprio Mussolini, tipo singular de aventureiro, correndo às cegas para a vitória duma ambição, sem lhe discutir o preço, nem transigir com o menor escrúpulo, tem pelos “sequazes”, por aqueles que o serviram um ódio enorme — o ódio dos que se serviram a si mesmo num grande desprezo por aqueles que tendo começado por vendê-lo, acabaram por comprê-lo.

O que se passa, neste momento, entre Mussolini e o fascismo, não é um simples arrufo. Mussolini quer ver-se livre do fascismo, como um peso das grades do seu

cárcere, como um doente da enfermidade que o condena a morrer. Mas, não pode quebrar facilmente um laço em que o sangue, o crime e o roubo, se uniram numa trindade sinistra e implacável. Ha solidariedades quasi impossíveis de aniquilar. Mussolini, tenta, actualmente, o impossível.

Se toma uma ofensiva defensiva com o fascismo arrisca-se a ter, contra o seu próprio peito, os punhais e as pistolas dos seus antigos cúmplices. Exercendo essa ofensiva, torna-se um instrumento daqueles que nunca o separarão dos crimes que a sua ambição incitou e perfiou e que de nenhum modo o apoiariam nem lamentariam, num desenlace fatal, a sua morte.

Apoiando os seus cúmplices cai, ao mesmo tempo do que eles. Eles já estão moribundos, Mussolini não quer, por preço nenhum morrer.

A sua ambição exige-lhe que sobreviva ao fascismo. Mas, então a lenda que a sua volta se teceu, desfaz-se e deixou-o diante daqueles que o admiravam, a luz muito crua. Aparece, não como um obsecado por uma ideia fixa, disposto a viver, lutar e morrer por ela, com todos os horrores das suas violências e com todos os ardores das grandes convicções, mas como um político vulgar com o terrível contrapelo de cadáveres que a vulgaridade política “malgrá tudo” — não comporta. Deixa para os seus adoradores e fanáticos de ser um ídolo para se tornar num especulador mesquinho.

Mussolini, para onde quer que se volte ou encontra

o ódio ou a desconfiança ou o desprezo. O tigre, que não ignora a tremenda situação em que se encontra, procura salvar-se, torna-se raposa.

Passa da força à astúcia. Porém, os seus inimigos, que formam em vários campos antagónicos, são bastante poderosos para o deitar abaixo. Mussolini, o assassino, não poderá ser salvo por Mussolini, o comedante.

Lá se vai o ídolo de Homem Cristo, filho, o audacioso “eserco”, e de António Ferro, o mercenário futurista. Resta saber se cairá duma votação ou duma bala. Não é preciso esperar muito para que se satisfaçam curiosidades ansiosas.

\*\*\*

Não é a morte política ou física de Mussolini que interessa à burguesia italiana. Ela importa-se não com a vida dele, mas com a sua própria vida. Recua que a queda de Mussolini, desencadeia uma reacção do que o seu egoísmo saia fortemente maltratado e os seus interesses rudemente abalados.

O operariado que foi o bode expiatório do fascismo juntamente com os elementos avançados, pode ter um arranco que embora não lhe dê a vitória completa, que não atinja os seus mais elevados objectivos, faça encalhar as garras aos exploradores e aos políticos. E' da história que a violência engendra a violência, que a força bruta da própria se cria destrói. Essas lições, tem sido duríssimas através dos tempos, para que a burguesia as esqueça. Manhosamente ela procura, fazer cair

Mussolini e o fascismo, aos poucos, brandamente, evitando, com a maior cautela, as transições bruscas.

Os acontecimentos, porém não lhe favorecem essa política manhosa, orientada por aquele trivial ditado italiano que afirma ser uma curva o caminho mais curto entre dois pontos. Sabe-se já que Mussolini teve um conhecimento antecipado do atentado contra Matteotti visto que nele estavam inculcados muitos dos seus mais cotados colaboradores — a fina flor do fascismo. As prisões que ele ordenou, toda a a repressão que ele mandou fazer a pretexto da morte de Matteotti foram uma cantata que a ninguém iludia. Percebeu-se nitidamente que ele se movia não por horror pelo crime — ele que se elevava pelo crime — mas por interesse pessoal.

Os fascistas, longe de se intimidarem com os manojos do seu chefe, prosseguiram na sua torva senda de assassinar adversários. O crime fascista, mau grado as determinações do chefe, continua ensanguentando a Itália. A resistência ofensiva contra o fascismo, exerceu os fascistas. Estes, na sua lógica de vencer pelo terror, de vencer, assassinando, continuam servindo-se das suas armas predilectas. As feras, não se recolhem facilmente à menagerie. Mais depressa serão abatidas. Porém, não sucederá que antes do fascismo cair, ele que neste momento está atacando indirectamente o seu chefe, na sua ambição, não o ataque directamente, na sua vida? Se assim for não é o primeiro tirano que morre vítima da sua própria tirania.

## A herança Rocha Cabral

O dr. Fernando Carvalho Araújo, depois da defesa falar, prossegue no ataque, revelando o que a defesa não disse

Eu assisti, com a maior serenidade, a todos os movimentos que a defesa falou por bem realizar, — a todas as embobas que se exibiram e a todos os insultos que se lançaram.

Agora, eu peço a mesma serenidade, a todos aqueles, em cujo espírito, haja uma dúvida, e em cujos corações exista um sentimento de amizade ferida e uma perturbação motivada pelo assombro. Dos meus lábios não sairá um insulto; nos golpes vibrados pela minha pena não haverá um desvio; da minha razão não fluirá um argumento caviloso!

Aqui o juro solenemente!

A sentença ha-de lavrar-se a grande publico, na sua consciência. Então o se enlão, verem-se se há calculadores ou se há ladrões.

A questão será debatida, por mim, com elegância e lealdade, pois sou obrigado a reconhecer que o dr. João Camoães foi a proeza mais nobre, a mais brilhante, a mais firme e a mais generosa duma batalha, na plena posse da sua dignidade e da sua força e na certeza matemática da vitória.

Atender, apenas, à essência jurídica e moral da questão.

— *Procurar, cabalmente, que o decreto firmado pelo dr. sr. João Camoães é uma tremenda monstruosidade, e que o inventário de Bento da Rocha Cabral é a proeza mais nobre, a mais brilhante, a mais firme e a mais generosa duma batalha, na plena posse da sua dignidade e da sua força e na certeza matemática da vitória.*

— *Procurar, cabalmente, que o decreto firmado pelo dr. sr. João Camoães é uma tremenda monstruosidade, e que o inventário de Bento da Rocha Cabral é a proeza mais nobre, a mais brilhante, a mais firme e a mais generosa duma batalha, na plena posse da sua dignidade e da sua força e na certeza matemática da vitória.*

— *Procurar, cabalmente, que o decreto firmado pelo dr. sr. João Camoães é uma tremenda monstruosidade, e que o inventário de Bento da Rocha Cabral é a proeza mais nobre, a mais brilhante, a mais firme e a mais generosa duma batalha, na plena posse da sua dignidade e da sua força e na certeza matemática da vitória.*

— *Procurar, cabalmente, que o decreto firmado pelo dr. sr. João Camoães é uma tremenda monstruosidade, e que o inventário de Bento da Rocha Cabral é a proeza mais nobre, a mais brilhante, a mais firme e a mais generosa duma batalha, na plena posse da sua dignidade e da sua força e na certeza matemática da vitória.*

— *Procurar, cabalmente, que o decreto firmado pelo dr. sr. João Camoães é uma tremenda monstruosidade, e que o inventário de Bento da Rocha Cabral é a proeza mais nobre, a mais brilhante, a mais firme e a mais generosa duma batalha, na plena posse da sua dignidade e da sua força e na certeza matemática da vitória.*

— *Procurar, cabalmente, que o decreto firmado pelo dr. sr. João Camoães é uma tremenda monstruosidade, e que o inventário de Bento da Rocha Cabral é a proeza mais nobre, a mais brilhante, a mais firme e a mais generosa duma batalha, na plena posse da sua dignidade e da sua força e na certeza matemática da vitória.*

— *Procurar, cabalmente, que o decreto firmado pelo dr. sr. João Camoães é uma tremenda monstruosidade, e que o inventário de Bento da Rocha Cabral é a proeza mais nobre, a mais brilhante, a mais firme e a mais generosa duma batalha, na plena posse da sua dignidade e da sua força e na certeza matemática da vitória.*

— *Procurar, cabalmente, que o decreto firmado pelo dr. sr. João Camoães é uma tremenda monstruosidade, e que o inventário de Bento da Rocha Cabral é a proeza mais nobre, a mais brilhante, a mais firme e a mais generosa duma batalha, na plena posse da sua dignidade e da sua força e na certeza matemática da vitória.*

palavra de honra, que o sr. dr. João Camoães, ficará, em péssima situação.

Pode o sr. Abranches Ferrão, ex-Ministro da Justiça ao tempo da publicação do decreto de 28-2-1923, — feito com o Parlamento aberto, para regularizar uma lei com 2 artigos apenas, que de nenhuma regulamentação precisava nem previa para revogar um Código Civil — pode o sr. ex-Ministro — diziamos, — como ontem foi, ao Tribunal da Boa-Hora, rebuscar elementos de defeza para fornecer ao seu amigo.

Onde existem esses elementos, sr. Lente de Direito?

Onde está a sua capacidade de professor, e a sua moral?

Podem os solícitos mandatários oferecer quanto dinheiro queiram, ao sr. advogado, e mandar-lhe quantos emissários houverem, e desconfiar que lhe pretendem roubar o processo? Ele teme os falsários? É um homem honrado e não há de ceder a esse golpe.

Leitores: agora vamos ler parte das conclusões do dr. Juiz sr. Guerra, um venerando republicano (daquelles que já eram há trinta anos!) juiz honesto e sabido, e que é uma verdadeira glória da nossa magistratura.

Serão estas formidáveis conclusões, monumento admirável de beleza jurídica, padrão de inequalável ombreidade, a bênção da minha caneta, ao iniciar esta monitória aos advogados.

O dr. João Camoães feriu, injustamente, este venerando magistrado, certamente ignorando, que o dr. sr. delegado, representante directo e fiscal dos interesses supremos do Estado, está em promoção que se tem no decorrer dos autos, inteiramente ao lado do juiz.

Pego, encarecido mente, aos estudantes de direito, e aos advogados, que expliquem aos leigos, o que isto significa! Eis as conclusões:

Páginas 280 dos autos: — “As bem pouco respeitadas, inopertunas e descabidas, e talvez arrogantes considerações feitas no extenso requerimento de fls. 262 a 264 por parte de quem, em virtude duma laudável mas desusada abnegação pelos progressos da ciência, se encontra representado o notável e talvez muito em breve universalmente celebre Instituto de Investigação Científica — Bento da Rocha Cabral, para cuja fundação o agora inventariado deixou o avultadíssimo remanescente da sua grande fortuna, a mereceriam talvez, da nossa parte, uma resposta condigna.

Tei-a-hiam, se tivéssemos tempo, e a ocasião fosse oportuna.

Assim, limitar-nos-hemos, a conhecer, agora, dos requerimentos de fls. por parte de D. Maria J. ynet Cabral, viúva do ora inventariado, Bento da Rocha Cabral, e por parte dos testamentários Manuel Maria do Val e António Maria da Costa (nota do jornalista — indivíduos que no decurso do inventário, se prestam à maravilha, ao *Pé de Cabral*, e mais tarde, em tróico da sua agudeza e em virtude do disposto no § do Art.º II dos fantásticos Estatutos, por

da fantástica pessoa moral Instituto

Bento da Rocha Cabral) criação hábil e extemporânea dos abutres, como adiante se verá. Estatutos esses publicados na 1.ª Série do “Diário do Governo”, de 12 de Julho de 1922, são nomeados membros do Conselho Administrativo... de que é presidente, vitaliciamente, Dr. Ferreira de Mira, a quem se dá o nome de... sábio!), etc., etc.

... Por seu lado os referidos testamentários vêm requerer se lhes tome termo de desistência do inventário, etc.

O presente inventário foi requerido para os declarados e expressos fins, e nos precisos termos do Art.º 1902 do Cod. Civ., que por ora ainda é Lei do País e desta República Portuguesa, sem embargo de quaisquer pretendidas modificações que só uma Lei de igual força pode impor, e essa Lei, que sabemos, por ora não existe, pelo menos com os efeitos que os requerentes pretendem, etc.

... E a viuva não é propriamente uma legatária, mas sim uma herdeira, na conformidade do Art.º 1736 do Cod. Civ., que ainda é Lei do País II... (sic).

... etc, e ela até incumbe, quanto a eles, o cargo de cabeça de casal, por virtude do Art.º 2070 do Cod. Civ., que também é Lei do País! (sic), etc.

E hoje ficamos por aqui. Que esta incitação nos Altos Mistérios do Pé de Cabral, para as vossas inteligências, onde a luz vai ser feita a jorral.

As referências irónicas do M.º Juiz “aqui que ainda é Lei do País” reportam-se ao famigerado Decreto assinado pelo dr. sr. João Camoães e seus companheiros.

E, pena que a grande Imprensa não transcreva!

Comerei a historiar a marcha do processo.

S: o dr. sr. João Camoães está realmente de boa-fé nesta questão e foi vítima dum lógo em que é muito fácil cair-se, por sugestões de amigos, por influências de simpatias; se o grande crime do Inventário Rocha Cabral, engrenagem complicada e tenebrosa que ele absolutamente desconhece e que em von desenrolar perante os seus olhos leigos, chegar a ser reconhecido e publicamente combatido por ele, nesse dia, teitores, irei, esquecido de injúrias, pedir o meu sincero perdão, não de calúnias forjadas, que as não forjei, mas da dor, da angústia moral a que dei causa, e que, por experiência própria, também conheço.

Dr. sr. João Camoães: — Pretendiam subornar-se o dr. Juiz por intermédio do ex-Escrivão sr. Nogueira, para que ele não obstasse à manobra.

Dr. sr. Camoães: — As solicitações ao dr. Juiz eram aos cardeais.

Dr. sr. Camoães: — Se o dr. Juiz quizesse julgar “sério e nulo” o seu decreto, tinha competência para o fazer, e não o fez para não ser abocanhado!

Dr. sr. Camoães: — Da pretensa parcialidade do dr. Juiz, havia recurso legal para os Tribunais Superiores. Por

## Isto é deles!

O sr. António Dias Branco, ex-empregado da Cal e Cimentos, preso por estar de posse do segredo das ladrocinhas da Companhia!

Encontra-se preso e incomunicável no governo civil, o sr. António Dias Branco, ex-empregado da Companhia Cal e Cimentos, e que o coronel Sá Cardoso acusou de ser o autor da campanha formalidade que a Batalha levantou contra essa companhia.

Conforme declarámos em ocasião oportuna, esse senhor não é o autor da campanha que nestas colunas levantámos. Os autores das campanhas da Batalha são os seus redactores.

O convencimento, porém, de que o sr. Dias Branco era a pessoa que escrevia os artigos referidos, levou os administradores da companhia a perseguir o seu empregado, tendo conseguido há tempos que o prendessem, prisão que não se manteve, porque se provou que o agente que tal prisão fizera, procedera ilegalmente, e, decerto, instigado pelo sr. Baltazar Cabral que não recusaria em saltar sobre todas as leis para se vingar duma pessoa que estava na posse dos seus repugnantes segredos.

Dessa vez conseguiu o sr. Dias Branco, ao cabo de algumas horas de reclusão, ver o sol da liberdade.

Não desistiram, porém, os administradores da companhia de vingar-se, e como dispõem não só de dinheiro como de influência política, tentam por todas as formas inutilizar quem lhes conhece as immoralidades. Por isso o sr. Dias Branco voltou de novo a ser preso.

Os grandes ladrões estão de posse de tudo, até da própria justiça.

Que mais falta para que eles mandem assassinar os roubados? Vê-se, pois, que a polícia está ao serviço directo dos financeiros e industriais.

que se não adoptou este expediente, antes se lançou mão dum Decreto Bural, inconstitucional e sombrio?

Esta arguição do dr. Camoães foi infame e descabida.

Fernando de Carvalho ARAÚJO

Uma carta do fundador do “Libertador” Sr. Redactor. — Peço a v. a publicação do seguinte: Não decurso da conferência realizada

## O Congresso Eucarístico

Uma parada de forças reaccionárias que constitui uma espectacular afirmação de sectarismo católico

Uma criatura obesa, mas bastante temente a Jéovah, afirmou verdadeiramente jubilosos: Aquilo que se passa em Braga, a bem denominada Roma portuguesa, destruiu, por completo, o antigo dito de Bazilio Teles; aquele espectáculo magnífico, não representa uma velha de olhar álgido, extremamente imóvel, obstinadamente fixo num passado que não volta, que não pode voltar, haurindo um simulacro apenas de existência nas evocações alucinantes da memória...

E o piedoso homem, sempre iluminado pela resurreição da sua fé, e aludindo ao facto da direcção do Minho e Douro por em movimento combóios extraordinários para transportar a carga católica à curia bracarense em festa, rematou: Aquilo é impoñência, magestade, uma nova vida, depois da República apostosa de barretes cardinaes consentir, pelo tubo... das pratas britânicamente nacionalizadas, que das suas sifilizadas artérias transfundisse o seu sangue para as veias anémicas da derrancada Igreja... Suprema operação, sem a necessidade de cirurgião da intervenção de Lourdes...

O que ele desconhece é que aquilo, como diria o outro, a quem a Câmara do Porto só depois dele firmado é que se agarrou ao “trabalho”... de pomposas e inúteis homenagens — não é uma vida própria, mas simplesmente uma forma de vida de excelentes aparatosidades e pantagruelicas insaciáveis...

Aquilo tem uma significação e um proveito... Não se trata, visto que é um congresso eucarístico, duma coisa senão duma assembleia magna de religiosos e de um tempo proprietários e manipuladores de pó... de sacristia.

O nosso dicionário é explícito: «Eucaristia s. f. Sacramento em que estão presentes o corpo e o sangue de Jesus Cristo sob as espécies do pão e do vinho, comunhão, ceia do Senhor, pão dos anjos»...

Ora a eucaristia, além de ser pão fino e pequeno... como a hostia, é uma “mistica” sanduíche e simultaneamente sopa de vinho — visto que no pão... eucarístico vai o descequado e sangüíneo corpo de Cristo e uns borritos da bela pinga...

Logo, a importante reunião católica na cidade de Braga é uma autêntica festa anual de “cortadores de carnes verdes” e de “taberneiros”... de sacristia, os quais, depois de fazerem o seu negócio de piedosas, santas bugigangas, espiritualmente vão retalhar, em pedaços, o sacrificado e crucificado Cristo para, do “talho” da imposturice humana, passar para a “taberna” da torpe especulação...

antontem, houve um assistente que, disse o seguinte: «vim aqui para ver o director do “Libertador” mas como a pessoa que veio por ele, não tem rosto para levar duas bofetadas, retire-me»...

Como fundador do referido jornal, desejo que esse canalha me indique o dia, a hora e o local onde hei-de encontrar-lhe para lhe escarrar na cara. Seria entretanto maior prazer indicá-lo-me a sua morada.

Avenida Elias Garcia, 130, 1.º — João Augusto da Silva Martins Júnior

ção das almas ingénuas ou abrutadas, onde será vendida em “buchas”, aos crentes da “santa religião católica, apostólica e romana”... e, mais tarde, defecado em custosos puxos...

Depois segue-se a louta ceia... do Senhor da orgia privilegiada...

Congresso? Não. Festa dos parvos é que se lhe deve chamar, visto que é uma imitação da *Stultorum festa*, que, na velha Roma, se costumava celebrar em todos os dias 17 de Fevereiro. Consistia esta festividade em ridiculas suplicas dirigidas pelos agricultores à deusa [Fornax] (fornalha), para que houvesse por bem lançar vistas protectoras sobre os fornos, livrando-os de desastres e de “maus olhados”...

“Os agricultores de então, ignorantes em todos os processos da sua arte, costumavam torrar os cereais para guardá-los. O que parece, porém, é que a deusa se descuidava às vezes; porque acontecia aos agricultores, segundo Ovídio, tirarem de quando em quando de dentro dos fornos, em vez de grãos de trigo... carvões!”

Ora a santa clericalha, de multicores garridices, é uma boa cultura da ignorância e do fanatismo. E para que os seus cereais, colhidos no fértil campo da bestialidade humana, não saiam como “carvões a arder” dos fornos incanescidos pelos raios da razão, da ciência e livre exame — é que ela, em peregrinação topeirica, foi deabalada até à velha Roma portuguesa, solicitar, freneticamente, a deusa da Estupidez mitológica, mistagógica, metafísica, teológica e filosófica, leonardo-combricense, para que livre a sua adorada Fornax hipocritista dos desastres e maus olhados incidentes pela autêntica verdade revelada — a fim do “pão”... da opulência da boa vida, do predomínio e do rúcio insatisfeito não se esturricar muito, e a clientela, de olhos desmesurados, regeitá-lo energeticamente...

Contudo, há muitos estragos na coesura...

Nesse congresso de mestres padeiros eucarísticos, entre as “rôscas” das suas habilitações sobressai-se aquela que vai tostar a “paz de Cristo nas prisões”...

Na verdade Cristo tem estado sempre algemado nos in-pactos tenebrosos dos conventos e dos templos, já o inolvidável poeta Guerra Junqueiro, depois da sua visita ao *Sacré-Coeur* de Paris, afirmou sem rebuço: «Oh, sim! Cristo é da Igreja, como o prisioneiro é da enxovia. Não mora na Igreja; não é a Igreja a sua casa, é o seu cárcere. E singularidade extravagante: a vítima fortalesce o alçor, o encarcerado mantém o cárcere de pé!»

Alão, numa rajada de consciência, tardamente despertada, após tantos séculos, reconduzido à liberdade, correto dos ferrolhos do dogma, que é a vergelha do espírito, o involútoro rígido dum conceito, falso ou incompleto — “roubando” Cristo à Igreja, o Golgota ao Vaticano, o Evangelho ao Silabismo, tornando-o um Cristo liberto e universal!

Não. O Evangelho vai mais uma vez ser interpretado, não pela “consciência” à clara luz do sol, mas por um bonzo à luz remelosa duma lâmpada.

E' precisamente por isso mesmo, que na amassadeira da reunião eucarística se vão preparar os empêlos referentes ao “reinado social do coração eucarístico de Jesus” — um dos discursos, tese ou o quer que é...

Compreende-se: Cristo, no seu reinado social, depois de reduzido a cadáver, foi transformado em taboleta hipocrita para o seu comércio sepulcral. Nisto estamos em absoluto acordo com Junqueiro, como de harmonia estamos com ele quando assevera que Jesus, “o amigo dos pobres e plebeus”, fôra forçado a alistar-se “em guarda nocturna mercenária de aristocratas e banqueiros”...

O que os prelados, e demais cambada agoireira, vão fazer, é ratificar a sua confiança em Deus, continuando a considerá-lo “como um polícia e as sacristias como prolongamento dos quartéis”, isto de acordo com a nossa democrática república...

Os lacraus da reacção reunidos, proclamaram também estes princípios de Jesus... F. X. Schoupp, antigo padre da Companhia de Jesus:

... o governo deve, com efeito, lutar-se à manutenção da ordem, porque a autoridade civil foi estabelecida por Deus para guardar e defender a ordem na sociedade humana, mas a ordem completa, inteira. Ora a ordem compreende não só o direito de propriedade, o direito de tranquilidade e de inviolabilidade pessoal, mas também o direito de possuir a verdade e a virtude”...

E' por isto que as repúblicas, os tronos e os cofres fortes “subvençãoam a Igreja”, para que ela, como em todas as épocas, desde a sua existência, “mantenha o povo escravizado e na ignorância”.

Só os potentados da mosagem, da finança, da indústria, do comércio e da banca carolice é que tem o direito de violar a moralidade.

Ao proletariado do Porto!

Um apêlo da U. S. O. local

A comissão pró-auxílio à Batalha e às famílias das vítimas dos acontecimentos dos Olivais e Silves, tem refilido diariamente, tendo deliberado fazer um vibrante apêlo ao operariado desta cidade, para que hoje, sábado, contribua com 1/4 do salário de um dia.

Neste sentido fez distribuir e colocar por toda a cidade, um pequeno manifesto, apontando a nobre missão de que está investida.

O operariado do Porto, mas uma vez vai demonstrar exuberantemente o seu espírito de solidariedade concorrendo com a sua cota-parte, para que o auxílio a prestar ao nosso órgão e às famílias das desventuradas vítimas, seja o mais condigno possível.

Amanhã, domingo, percorrerão a cidade várias comissões de camaradas, na faina de colher mais doativos. Povo do Porto, cumpre o teu dever! Auxilia a comissão







# A situação do movimento operário na França

## Agenda de A BATALHA

MARÉS DE HOJE  
Pramar às 4,47 e às 5,06  
Baixamar às 10,17 e às 10,36

### CAMBIO

Países	Moedas	Por	Contas
		Comp.	Venda
Alemanha	Marcos	120	—
Austria	Schillings	13,75	100
Belgíca	Francos	135	100
Espanha	Pesetas	166,67	100
E. U. A.	Dólares	20,48	100
Francia	Francos	100	100
Holanda	Florins	10,36	100
Inglaterra	Liras	166,67	100
Italia	Liras	166,67	100
Suíça	Francos	135	100

### MOVIMENTO MARITIMO

Vapores e destinos	Data
San Miguel, portos do Funchal	7
Serra Nevada, Boulogne, Bremen	14
Belra, para os portos da Africa Central	15
Arlenzas, portos do Brazil e Argentina	16
Guilherme, Vigo, Cherbourg, Southampton e Amsterdam	18
Darros, portos do Brazil e Argentina	20
Zelandia, Leixões, Vigo, Cherbourg, Southampton e Amsterdam	22
Avons, portos do Brazil e Argentina	23
Ussakuna, Southampton, Rotterdam e Hamburgo	24

### Fadiga geral e nervosa

CRESCIMENTO e ANEMIA  
Cura-se rapidamente com o esplêndido medicamento de surmenage  
**POLIFOSFOGENEO**

A venda nas principais farmácias e no depósito geral:

Calçada de Santo André, 16

Pedras para isqueiros

Metal Aur, assim como rosas, ócas e maciças, tubos, moedas, chaminés de 2 e 3 peças, tampões. Vendem-se no Largo de Conde Barão, n.º 55.  
Dirigir pedidos a Francisco Pereira Lata, (E) a casa que encontra em melhores condições.

Pedras para isqueiros

Legítimo metal Aur única privilegiada e acreditada universalmente por ser a que faz melhor fumaça e que tem maior duração.

Dúzia 60 centavos (custado com as imitações)

Venda aos centos e aos milhares, assim como isqueiros, rosas, tubos, pipas e tampões, nos melhores preços para revenda.

Pedidos a

CARLOS A. SANTOS

Depósito: Rua do Arsenal, 80 — LISBOA

Dentes artificiais

a 2500 — Obtenção

a 2500 — Extracção sem dor a 1500

Das 11 às 13 no consultório

MARIO MACHADO

da Escola Dentária de Paris

Chiado, 74, 1.º Tel. C. 418

VIDA POLITICA

P. R. R. — Comissão Municipal

Almada. — Reunião no dia 2 em sessão magna para apreciar a marcha do partido e os últimos acontecimentos.

Foi exarado na acta um voto de sentença sobre as vítimas dos Olivais e Silva e voto de louvor ao senador sr. Procopio de Freitas pela atitude que tem tomado. Resolveu organizar uma comissão de melhoramentos e de propaganda nomeou uma comissão para levar a efeito um passeio de confraternização.

No dia 27 reuniram-se os comitês políticos para eleger a nova comissão municipal e aprovaram muitos bilhetes e irradiaram António Celestino Sampaio, da Trafaria, pela sua conduta.

A situação do movimento operário revolucionário francês torna-se dia a dia mais confusa e perigosa. Não é por acaso que a maioria tem podido realizar os seus desígnios. Estudemos os erros de mais nada os erros de tática, cuja disposição de espírito da minoria, cuja falta de entendimento prático é uma causa essencial da decomposição recente.

Principalmente responsável pelo presente estado do sindicalismo na França é a parte de minoria — o grupo sindicalista revolucionário (G. S. R.) porque depois do congresso de Saint-Etienne não acreditou nas intenções reservadas do partido comunista, porque continuou a depositar confiança nos homens, que há muito tempo eram os executores fiéis das ordens do partido, nos sindicatos, ficando a trabalhar ainda com a maioria após Saint-Etienne.

Durante o período de Saint-Etienne a Bourges robusteceu-se ainda mais a acção dominadora dos comunistas no movimento operário, apesar de um tardio despertar duma parte do comité executivo e de dois membros do conselho confederal.

Esta oposição surgiu do seio do organismo central em consequência da violação do mandato, confiado pelo Congresso de Saint-Etienne à delegação da C. G. T. Unitária ao congresso da Internacional Sindical Vermelha. Ela robusteceu-se primeiro por causa da ocupação do Ruhr, e em seguida por causa do bluff político do organismo confederal sobre a revolução alemã, que se deu em Paris em Fevereiro de 1921.

Mis a renegou, com decisão o Comité de defesa do sindicalismo. C. D. S., ao qual não se ligou por ter declarado o Sindicalismo em perigo, quando ela própria não acreditava ainda no perigo. Em vez de reconhecer com honestidade o seu erro, de entrar o Comité de defesa do sindicalismo (C. D. S.), de se ligar a ele para uma acção de toda a minoria, a minoria do comité executivo e do conselho confederal preferiu criar o C. S. R., onde conduziu.

## A BATALHA NA PROVINCIA E NOS ARREDORES

### Covilhã

O Albergue dos Inválidos do Trabalho e a câmara

GUARDA, 2. — Torna a vir à liza o caso da transferência do Albergue para a Escola Industrial.

O operário pôr em prática os seus projectos, a primeira tentativa, e com este estão todos os homens de bem, menos a vereação.

Não se pode admitir que uma Câmara tenha autoridade suficiente para destruir parte da cidade e quando a crise de habitação se constata duma maneira dolorosa; que tenha contratos com uma empresa, para a construção de habitações, com um modelo em cimento armado e essa mesma empresa esteja empregando a sua matéria em construções particulares; que quando foi inaugurado o Teatro mandasse abrir ali na Praça do Município uma vala com o fim de sanear a cidade e fazer desaparecer os vergonhosos carros de noite, e ficasse ali uma porção de canos para que se partíssem, tapando novamente a vala, ficando a canalização sem efeito, e o dinheiro dos municípios esbanjado.

Não se pode admitir ainda que uma vereação assaltando as cadeiras do peão, promette destruir prédios e não construí-los como o incluído num dos números do seu programa.

Uma vereação ilegalizada, não deve, não pode, não tem o direito de vir de encontro às aspirações dos habitantes da cidade, fazendo com que estes um dia, fartos de tanta infâmia, se aglomerem e corram com os vendilhões do templo.

A transferência do Albergue para o edifício da escola industrial, é um crime

de lesa-humanidade, porquanto, vicia sacrificando aqueles desgraçados velhinhos que mesmo albergados vivem com muita dificuldade, se não for o auxílio monetário do operário.

Os dois edifícios são próprios das instituições que meios actualmente funcionam, e portanto, uma tal resolução duma câmara ilegalmente constituída, virá a dar mau resultado, vindo fazer revolta toda uma população que passo a passo tem acompanhado as suas obras.

A resposta dada pela mesma a um officio enviado pela Associação Textil, é um escarho lançado ao operário organizado da Covilhã.

Na passada reunião do operário textil, foi bem apreciado o procedimento da vereação Municipal, resolvendo-se que muito brevemente uma reunião de todas as direcções dos sindicatos operários organizados nesta cidade, se estabeleça um plano de acção a desenvolver, ficando também assente num movimento geral de protesto em principio, levantando o a eufemio na primeira oportunidade.

Neste movimento, que deve ser grandioso, devem tomar parte todas as forças organizadas da Covilhã, assim como todos os homens de senso.

Compete-nos também estar atentos, e darmos o sinal de sobre-aviso, para quando sinal for dado, o proletariado saber cumprir com um dever.

### Cabeção

Um padre ins lento e jesuita expulso pela população trabalhadora

CABEÇÃO, 5. — Um jesuita acostumado a converter os pretos em Africa, foi convidado pelos reaccionários desta localidade para vir preparar as crianças para o Mês de Maria.

O dito missionário começou por transgredir as leis do Estado. Apresentou-se nas ruas com a sua farda de padre, a chamar as crianças para a doutrina. Este caso deu origem a que muita criatura, indignada levantasse o seu protesto; não quiz acompanhar um funeral, pelo facto da faldada não se ter confessado, nem ser casada pela igreja. O reaccionário sr. António Nunes Barata, enraivecido pela hostilidade a padre, aproveitou uma brinadeira e rapazes que deitaram quatro bombas de foguetes muito depois da hostilidade a foi perante o governador civil contra que havia em Cabeção bombistas.

Sua ex.ª mandou logo três policiais de investigação proceder ao inquérito. Como sempre, os perseguidores foram Manuel Marques Coelho, Pedro Alexandre, Manuel Almeida de Carvalho e mais seis trabalhadores.

Na ocasião do interrogatório, quando se lhe interrogou sobre a hostilidade a padre, sr. acusados de bombistas.

Por acaso, à porta do edificio da câmara, encontrava-se um rapaz, que declarou ser o autor da brincadeira, e que as bombas eram de foguete.

Manuel Marques Coelho, disse aos policiais que estava descoberto o bombista, e que provocou certa risota em todos os presentes.

Em seguida, o rapaz foi chamado prestado as devidas declarações. Esta intimação aos elementos citados, deu motivo a que imediatamente se reunissem os trabalhadores rurais na sede da associação e resolvessem não trabalhar no dia seguinte em sinal de protesto, pelo que compareceram no largo do edificio da câmara para cima de duzentas pessoas.

Foram soltados vários vivos à solidi-

dade dos trabalhadores, após a saída dos indivíduos que tinham sido intimados e que estavam acusados de bombistas.

Realizou-se uma sessão, que foi multo concorrida, tendo falado José Pires Franco, Alfredo Angelino, Manuel Almeida de Carvalho e Pedro Alexandre, que condenaram o procedimento dos reaccionários, acusando indivíduos honestos — trabalhadores de bombistas, dissolvendo pelos belos exemplos de solidiedade que os deveres das mulheres, e benéficos da organização operária.

Foi encerrada a sessão no meio do maior entusiasmo, com vivas à C. G. T. e à Batalha.

### Guarda

Respondendo ao órgão católico

GUARDA, 1. — O órgão católico local «A Guarda» também não quiz ficar silencioso, perante o «Protesto» que dizia a propósito de catolicismo e cristianismo e das restantes considerações que se faziam, a respeito da colaboração de operários em festas religiosas.

Fez bem «A Guarda», mais para nós, adversários do catolicismo, do que para ela, e consta-nos que terá a resposta condigna em tempo competente.

A Igreja Católica, hoje, não alberga sombra de cristianismo e está sempre ao lado dos tiranos, dos regimes conservadores, sempre que o povo pretenda andar para a frente, é inegável.

Se a igreja católica fosse cristã não procurava obstinadamente a abastança, o luxo, o convívio e as boas graças dos grandes e dos poderosos. Era humilde, inimiga de negócios, estaria ao lado do pobre contra o rico, do fraco contra o forte, do oprimido contra o opressor.

Não teria bancos e empresas explora-

do, do qual pudesse resultar uma separação clara e definitiva.

De facto reuniram-se as delegações de provincia com as de Paris, por ocasião dos funerais das duas vítimas, para demonstrarem que situação era sem igual e sem exemplo.

O que se podia concluir? Nada de importância. Só a incoerência da minoria em certas coisas foi manifesta. Assim quando os operários de construção civil do Sena e os dos sindicatos das cidades estavam prontos para criar um movimento nacional autónomo e independente de ambas as C. G. T., outros entenderam deixar as coisas no seu velho pé, conservando-se na C. G. T. Unitária. Ainda outros queriam ir imediatamente para a C. G. T.

Uma última corrente, e na verdade aquela que arrastou consigo a minoria, ao extremo duma liquidação, definindo pouca força e incoerência, declarou-se em oposição ao autonomismo pelo ponto de vista da C. G. T. U. sobre a unidade.

Nada mais do que se tinha. Assim, a mesma gente, que se tinha reunido com o fim de afastar dos seus adversários na C. G. T. U., dos acólitos dos assassinos dos seus irmãos, chegaram à conclusão de apresentarem a seguinte solução: «Nós propomos a unidade de ambas as C. G. T. (Confederação Geral do Trabalho e Confederação Geral do Trabalho Unitária) onde todos devem ficar amalgamados. Os que usassem abandonar, proclamando com isso a falência imediata do sindicalismo».

Eu compreendo muito bem, que os nossos camaradas dos outros países, que não conhecem bem a situação, acharão pouco pouco senso em todas estas manifestações, nestas coisas desconexas, nestas atitudes provocadoras, nestas ridículas manobras e nesta indecisão incompreensível.

Que conclusões podemos nós tirar do passado?

Certamente não é fácil dizê-lo. É impossível mostrar tudo agora, prever o final duma situação, que se modifica dia a dia, hora a hora, em vista dos números totais que a acompanham sendo portanto impossível estabelecer qualquer conclusão.

Quem alcançará o triunfo final? Os autonomistas, como os camaradas da Construção Civil, que em 20 de Janeiro

abandonaram definitivamente a C. G. T. Unitária, enquanto reclamavam, que o rompimento se estenda a toda a federação? Ou alcançará o triunfo, aqueles que querem a unidade a pesar do crime? Ou terão a vitória, os que se esforçam pela unidade de todas as forças operárias, com exclusão dos que assustaram o sindicalismo e os seus militantes?

Sem querermos anunciar com exactidão um futuro melhor, dizemos todavia com algumas probabilidades, que são os últimos que tem mais possibilidades de vitória.

Neste caso surgiria a unidade, e encontraram-se o caminho da sua realização. A reunião das forças sindicais da C. G. T. Unitária com as que estão fora neste momento, e com as da C. G. T., não só permitiria ao sindicalismo francês retomar o seu curso dantes da guerra, mas também impediria que fosse orientado pelas formas deturpadas pelo partido Comunista.

Isso seria sem dúvida o melhor meio de impedir uma ditadura caracteristica, restituindo ao nosso movimento o seu carácter primitivo e tradicional, e também para lhe dar a possibilidade — isso não nos deve ser indiferente — de se opor às forças unidas dos governos constituídos e aos capitalistas.

Qual será neste caso a organização internacional, que escolherão os grupos unidos? Com segurança não se pode ainda saber, mas compete tanto a uns como a outros defenderem obstinadamente no congresso unitário o seu ponto de vista. Pelo que me diz respeito, eu faria todo o possível para que triunfasse o ponto de vista do I. A. A. (C. D. S.) Comité de Defesa do Sindicalismo — o da verdadeira internacional sindicalista revolucionária.

Num artigo mais extenso procurarei descrever com mais alguma precisão os acontecimentos, a fim de que se compreenda mais claramente a situação, que a pesar-disto deve encontrar em breve a sua solução.

Como quer que seja, pode-se estar certo, que o sindicalismo francês renascerá, e que será susceptível num belo dia de retomar novamente em união com os camaradas dos outros países a luta contra todos os seus opressores.

Pedro BESNARD

(Da «Die Internationale» órgão da A. I. T.)

PERIGO DE MORTE

Se quizeres evita-lo fugi do envenenamento pelo chumbo (saturnismo) que acontece com a aplicação da maior parte das tintas, e usa a inofensiva «Muralina», completamente inodora, sem perigo algum para a vossa saúde, sendo uma tinta em pó, a água, com 38 cores combináveis.

Descontos especiais só aos profissionais.

Rua das Pedras Negras, 24, 1.º — Lisboa — Telefone C. 5392.

Agentes de venda:

Dias & Pinto Lopes, L. da

75, R. Passos Manuel — Porto

A venda em Lisboa:

João Nunes dos Santos

R. do Mundo, 106

LIMAS

UNIAO

MARCAS REGISTRADAS

As melhores são as da União. Tome feitiço de Vieira de Leiria — Pedra em todas as lojas de artigos de limpeza.

Revistas em preços baratos.

Pedidos aos Representantes e Depositários em Lisboa: Sra. Ferreira & C.ª, Lda. — Calçada do Marquês de Abrantes, 134 — Telefone C. 1350.

Trabalhadores: lêde e propagação o Suplemento de A Batalha

— Tu vens connosco em Vagraria?

— Vou, sim...

— Tu, eremita? tu, santo homem às direitas? que res ir connosco, Homens errantes, Lobos, Cabeças de lobos, diabos de Vagros como somos?

— Jesus disse: «Não são os que tem saúde, mas sim os enfermos que precisam de médico...»

— Frade, tu falas seriamente? replicou Cautin em voz baixa. Não me abandonarás? Proteger-me-hás contra estes Filisteus, contra estes Moabitas?

— O meu dever é tornar esta gente melhor do que é.

— Melhores!... estes sacrilegos que saquearam o meu palácio, os meus belos copos, os meus belos vasos, o meu ouro e a minha prata...

— Não disse acaso a Escritura: «A espada homicida se tornará em foice para podar a vinha florida; a terra pacífica e fecunda produzirá os seus frutos para todos os homens; o leão dormirá ao pé do cabrito montês; o lobo ao pé da ovelha; e uma criança guiará toda a casta de animais.» Não blasfemes! o Creador fez a criatura à sua imagem! fê-la boa para que seja feliz: cegos, miseráveis ou ignorantes são os maus... Sa-nemos a sua miséria e a sua cegueira... para que se tornem bons.

— Bons? os homens! exclamou o bispo com arrebatamento; e as mulheres sem dúvida também são boas! aquela que foi minha, por exemplo! vejamos lá ao longe, aquela monstruosa impudica, de saia curta e de meias encarnadas bordadas a prata...

Olhem para ela dando o braço àquele grande bandido de cabelo preto? Infame! scelerada!

— Calate! Jesus não tinha senão palavras de misericórdia para Madalena a concubina e para a mulher adúltera; atrever-te-hás tu a atirar a primeira pedra a essa mulher que foi tua?... Vamos, anda... Os teus joelhos tremem... tenho do de ti... encosta-te ao meu braço... tu estás quasi a desfalecer...

— Ai de mim! onde querem conduzir-me estes Vagros réprobos?

— Pouco te deve importar! emenda-te... arrepende-te!

— Meu Deus! meu Deus! e nem sequer a esperança de lhes fugir ou de ser libertado pelo caminho! as estradas estão agora desertas... Ah! nós vivemos numa época terrível.

— E esta época! quem a fez, senão vocês, novos príncipes dos sacerdotes? Ah! nossos avós viram durante séculos a Gália pacífica e florescente; mas ela era então livre — continuou amargamente o eremita; hoje acha-se ela de novo na escravidão.

— Nossos avós eram infelizes idolatras! e a estas horas rangem os dentes por toda a eternidade — exclamou Cautin; ao passo que nós temos a verdadeira crenga...; por isso o Senhor Deus reserva espantosos castigos para os miseráveis que se atrevem a insultar os seus sacerdotes e a roubar os bens da igreja...

Olha, frade, diz-me se não é este um espectáculo que retalha o coração!

O espectáculo que retalhava o coração do santo homem alegrava muito o coração dos Vagros... O dia raiou; quatro grandes carros do palácio, puxados cada um deles por duas juntas de bois, caminhavam lentamente das ruínas fumegantes da casa episcopal, carregados de despojos de toda a sorte: vasos de ouro e de prata, cortinados e armações, colchões de penas e sacos de trigo, odres cheios e roupas, presuntos, caça brava, peixes salgados, frutass de conserva, comidas frias e gêneros de toda a espécie, pesadas peças de pano de linho fiadas pelas escravas fiandeiras e tecelãs, almofadas fofas, bons cobertores, sapatos, capotes, caldeiras de ferro, bacias de cobre, vasos de estanho que agradam tanto às donas de casa; de tudo havia nestes carros que os Vagros seguiam, cantando como melros ao romper do sol de junho. Na dianteira de um carro, sentada num coxim, a pequena Odilla, não já medrosa, mas muito admirada, arregalhava os seus lindos olhos azuis, e, pela primeira vez desde muito tempo, respirava em liberdade o fresco e bom ar da madrugada, que lhe recordava o da sua montanha

onde tinha sido roubada, pobre menina, para ir viver até àquele dia no burgo do conde, Ronan, de vez em quando aproximava-se do carro:

— Cobra ânimo, Odilla, tu te habituarás connosco; verás que os Vagros não se parecem tanto com os lobos como os querem inculcar.

No outro carro, a bispa carregada de cordões de ouro e de atavios, que o seu Vagro namorado salvou do incêndio, ora alisa os pretos cabelos mirando-se a um espelhinho de algeibra; ora aperta o cinto, ora garganteia como a pintarrocha chilra ao sair da gaiola. Dêsse dia de amor e de liberdade tão desejado goza fim agora, finalmente, depois de ter vivido mais de dez annos prisioneira; parece maravilhada com esta viagem matinal pelas formosas montanhas do Auvergne assombradas de altos pinheiros, e donde ressaltam cascátas em cachões; fala, ri, canta e torna a cantar, olhando de revez para o Vagro namorado, quando ligeiro e triunfante ele passa ao pé do carro. De repente, olhando ao longe ela parece comovida, vê junto de si uma âncora empalhada e ali posta pela providência do mon-teiro, pega nela, e voltando-se para trás onde estavam algumas mulheres e raparigas escravas, que de boa mente queriam, como sua formosa ama, andar na Vagraria, diz a uma delas:

— Leva esta âncora de vinho adubado a meu irmão o bispo; o pobre homem gosta de beber o que ele chama o seu gole da manhã; mas não lhe digas que este vinho vai da minha parte, porque talvez o recusasse.

A joven responde à bispa com um sinal de intelligência, salta a baixo do carro, e procura Cautin.

A maior parte dos escravos eclesiásticos, na ocasião do saque e do incêndio da vivenda, fugiram para os campos, receando o fogo do céu se se reunissem aos Vagros; mas os outros, menos timoratos, acompanharam resolutamente o bando daqueles alegres patusticos. Era vê-los desembarçados, bem dispostos como se despertassem depois de pacifica noite passada de baixo da folhagem, firmes nas pernas, a-pesar da or-

gia nocturna, andarem dum lado para outro, saltarem, tagarelarem, darem beijos ora nas mulheres ora nas borraças, e trincarem a bom trincar um pedaço de caça episcopal ou uma broa de trigo fino.

— Como é bom andar na Vagraria!

Atrás do último carro, vigiado por Dente de Lobo e por alguns companheiros que fecham a marcha, Cautin, bispo e cosinho na Vagraria, costumado a andar de ripanso na sua mula de viagem, Cautin acha a estrada escabrosa, empoeirada e montuosa; a sua, aspra, tósse, geme, resmunga, e carrega como pode com a pesada pança.

— Senhor bispo, disse-lhe a rapariga portadora da âncora enviada pela bispa; aqui tem bom vinho; isto lhe dará forças para o resto da jornada.

— Dá cá, dá cá, minha filha! exclamou Cautin estendendo as mãos ávidas; Deus te recompensará a afeição que tens a teu infeliz padre em Cristo, obrigado a beber às escondidas o vinho da sua própria adega...

E levando a âncora à boca, bebeu todo o seu conteúdo de um só trago, e atirando a vazia para longe, exclamou encarando a rapariga encolerizada:

— Também tu queres andar na Vagraria, diabinha?

— Sim, senhor bispo: tenho vinte annos e é este o primeiro dia da minha vida em que posso dizer: sou senhora de mim...; posso andar de um para o outro lado, correr, saltar, cantar e dançar à minha vontade...

— Tu és senhora de ti, descarada! a mim é que tu pertences; mas, Deus louvado, has de ser agarrada, ou por a igreja ou por algum chefe franco... e cairás como espero em pior cativo!

— Pelo menos terei conhecido a liberdade...

E a rapariga correu, saltando e cantando, atrás de uma borboleta.

O bando dos Vagros chegou perto de algumas cabanas de escravos pertencentes às terras da igreja, situadas à beira da estrada: crianças macilentas e completamente nuas por falta de vestuário, arrastavam-se pela beira da estrada; seus pais trabalhavam nos



